

EDITORIAL

A *Estudos Universitários* foi, na tradição cultural da Universidade Federal de Pernambuco, sempre um lugar privilegiado para se sentir o estado de ânimo de um momento da produção acadêmica. Com a marca aguerrida de seu fundador, Paulo Freire – emblemática e instigadora figura, a revista traduziu e revitalizou, no modo tônico do protesto ou do projeto, o pulso do presente. A vida acadêmica era assim regularmente passada *em revista*. Textos, publicações, debates – operações ainda há pouco, complementárias. Daí nossa satisfação, superando revezes e contingências adversas, em entregar a público este dossiê. Nele está inscrito o esforço de um grupo que crê e aposta na produção intelectual como resistência cultural. Nada mais prejudicial à cultura que resignar-se ao real. Deixar-se desencorajar pelas dificuldades das injunções políticas e sociais que em certas circunstâncias parecem estreitar o campo das realizações.

A Universidade, ainda recentemente, exibia sinais de revitalização em revistas ocupadas em dar vazão à produção e aos debates. *Pórtico*, *Vidas Secas*, entre outras que a memória acadêmica guarda de tempos mais dinâmicos. Na atualidade, Revistas como *Investigações* dão prosseguimento à tarefa de colocar em análise as coisas culturais.

Não poderia deixar de lembrar a pugnacidade de Denis Bernardes: desde que nomeado editor (2010) assumiu a *Estudos Universitários*, deu nova direção e alargou o conceito da revista: ele agregou então um substancial grupo de pesquisadores, de escritores, de críticos, de criadores, num coro polifônico de variadas vozes e registros de transferência de informação científica produzida pela Universidade. Vencidas as dificuldades a *Estudos Universitários* voltou com outro fôlego, fortalecida pelo Conselho editorial.

Atento, tanto à produção interna como às inquietações da sociedade, Denis publicou os dossiês sobre “Juventude”, “Acervos e Memórias” e “Drogas”. Fez mais. Deixou duas edições prontas para serem encaminhadas ao prelo: a que ora apresentamos, dedicada aos cinquenta anos da revista e, outra, cujo dossiê versa sobre mulheres, gênero e estudos rurais, a ser publicada em breve. Na tentativa da apreensão do real social Denis soube colocar a serviço da Revista dois instrumentos graves: a Memória e o Projeto; a capacidade de voltar a ver o legado do conhecimento deixado pelos que nos precederam e a aposta no projeto, no forjar o possível – o que queremos deixar ao presente e aos pósteros. É ainda uma fidelidade freireana esta insubordinação ao real, quando em concerto, ao imaginário acadêmico se soma o cuidado em tatear a sensibilidade aos problemas sociais do presente. Se foi grande o gesto desse generoso editor, menor não é o empenho que sua memória nos pede, na consecução do Projeto.

Enfim, quando um intelectual como Denis Bernardes é subtraído de nosso convívio fica o susto. Também um imediato vazio. Sobretudo quando foi uma figura excepcional – capaz de conciliar competência acadêmica e competência humana. Pesquisador sempre empenhado em ver claro, discernir, em meio às formas protéticas do complexo cultural, as possibilidades do presente. Sobre a dor da perda, acredito que Denis merece um luto colorido – de real agradecimento pelo convívio. A Universidade Federal de Pernambuco, mas não apenas, há de lembrar-se dele com reconhecimento e orgulho. Porque Denis foi um homem movido pelo entusiasmo. Um Quixote que não conheceu a idade do tédio.

Dois registros que homenageiam Denis confirmam essa expectativa. O primeiro escrito por Emilia Maria M. Morais - professora aposentada do Departamento de Filosofia da UFPB. O segundo nos foi enviado pelos membros do Núcleo de Documentação dos Movimentos Sociais/NUDOC-UFPE, o qual passou a se chamar Núcleo de Documentação dos Movimentos Sociais Professor Denis Bernardes.

Lourival Holanda